

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

DIRECTOR: João Bento Raimundo

REDACÇÃO: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telef. 21634 6300 GUARDA

PROPRIEDADE: Instituto Politécnico da Guarda

EXECUÇÃO GRÁFICA: Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal N.º 17.891/87

Reprodução total ou parcial proibida

Nº 3 / Julho / 88

"E HOJE É JÁ OUTRO DIA"

E hoje é já outro dia. Certo. Real. Grande.

Caminhou-se da expectativa, da aposta e da incerteza para a realidade do conseguido.

O Instituto Politécnico da Guarda tomou uma maior dimensão. Ganhou o seu espaço próprio; arrelgou-se no meio físico, social e intelectual; impôs-se como centro de saber, pensar e de fazer. O Instituto Politécnico da Guarda corresponde já às expectativas daqueles que o justificam - os estudantes. Por isso se tornou grande. Control-se hoje o amanhã que não tarda.

"Educação e Tecnologia" é hoje, no final de mais um ano lectivo - testemunho precioso de uma realidade pautada pela dinâmica que é também o apanágio desta Escola. E porque emerge do centro da vida do Instituto Politécnico da Guarda reflecte-a, naturalmente, também na sua autenticidade social e académica. Como espaço aberto, é dinâmica. Porque é dinâmica, é variada e polivalente. Pretendíamos que o fosse; sabemos que é. Estamos certos que continuará a sê-lo.

**"E outra vez conquistemos a distância --
Do mar ou outra, mas que seja nossa"**

(Fernando Pessoa)

João Bento Raimundo

Presidente da C.I. do I.P.G.

SEMANA ACADÉMICA NA GUARDA

INICIATIVA DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO I.P.G.

Uma serenata monumental, nas escadas da Sé Catedral, assinalou, no dia 11 de Junho, o início da Semana Académica promovida pela Associação dos Estudantes do Instituto Politécnico da Guarda, e a qual decorreu até 18 de Junho.

A serenata teve início pelas 24 horas, com a participação do grupo de fados de Coimbra "Praxis Nova". A voz foi de Luís Alcoforado, as guitarras de Paulo Soares e José Rabaça e a viola de Luís Carlos Santos.



Intervalo, posteriormente, um grupo de antigos estudantes de Coimbra. Nas vozes estiveram os Drs. José Leitão, Fernando Dourado e Carlos Rocha. Como guitarras os Drs. Luís de Almeida e Hermínio Menino e nas violas os Drs. José Abreu e Carlos Martins.

Esta serenata teve a particularidade ser emoldurada por largas dezenas de estudantes do Politécnico da Guarda vestindo o traje académico, reactivando assim uma antiga tradição da cidade mais alta de Portugal.

Assistiu a esta serenata o Adjunto do Ministro Adjunto e da Juventude, em representação daquele membro do Governo.

No dia 12 de Junho teve lugar uma missa na Sé Catedral da Guarda, celebrada pelo P. e Dr. José Miguel C. Amarelo.

A liturgia da palavra sugeriu como tema de reflexão o reino de Deus, tema desenvolvido pelo celebrante na homília.

"Os princípios do reino são modestos; o desenvolvimento é natural e aquele que hoje é o mais pequeno, amanhã ultrapassa tudo e todos; o que hoje é o mais fraco, no futuro será o mais vigoroso, segundo a parábola. Sendo assim, concluiu-se que as aparências iludem. E isto é a causa do nosso erro ou confusão. Erro aparente, repito.

O apóstolo Paulo traduz esta ambiguidade do Reino em palavras análogas mas que equivalem a dizer o seguinte:

Se estamos no corpo, tal vida é um exílio;

Se estamos fora do corpo, essa vivência é, também, um exílio.

A realidade é esta: o reino está semeado, não implantado nem acabado em nós. E em certos momentos, a nossa atenção fixa-se no progresso, na altura da planta; noutros olhamos a paralisia do Reino - (quero dizer, a nossa, que tornamos extensiva a todos e a todo o Reino) e então eu direi que o reino está na semente da parábola.

Passar por estados sucessivos e dolorosos, ser julgado contraditoriamente ... é a própria natureza ou essência do Reino de Deus. Tentar responder a todos os "comos" e "porquê" é a prova de desconhecimento do carácter ambíguo do Reino. Contra a tentação de querer dominar ou mesmo de avaliar o Reino de Deus estejamos precavidos. Importa, sobretudo, estar no mundo, maravilhar o mundo.

Mutatis mutandis, guardada a devida proporção, eu diria que há uma relação de semelhança entre o Reino e o nosso Instituto Politécnico. Perdoem-me Deus e os homens! E diferenças notáveis, também! Este Instituto crescerá na medida em que os seus Professores forem dotados da ciência que se transmite, de amor que se comunica, de simpatia que irradia. O Instituto cresce na proporção em que os alunos receberem e derem. O Instituto é semente e terra, duas potências vitais. Façamos com que esta semente cresça, se imponha à admiração de alguns não obstante o desdém e a ironia de outros. Que o nosso Instituto seja a comunidade viva e actuante - é a intenção que coloco no altar".

Após o almoço, e na Praça de Touros de Aldeia da Ponte, teve lugar



uma animada e espectacular garraizada que proporcionou, com frequência, algumas cenas hilariantes contrapostas a alguns sustos.

De relevar a adesão popular a esta iniciativa, abrilhantada pela Banda Filarmónica de Pinzelo.

Mais tarde, e já na Guarda, decorreu -- nos terrenos anexos à sede de Associação de Estudantes do I.P.G. -- um arraial popular.

No dia seguinte teve lugar, no Auditório do Instituto Politécnico, a actuação do Orfeão do Centro Cultural da Guarda.

A Semana Académica prosseguiu no dia 15 de Junho com uma conferência subordinada ao tema "A Emigração e a Colonização na Era de Quinhentos". Foi conferente o Dr. Marinho dos Santos, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Nesse mesmo dia, pelas 21 horas decorreu um espectáculo musical cujo ponto alto foi a estreia do Grupo Coral do Instituto Politécnico. No dia 16 de Junho decorreu, a partir das 15 horas, uma tarde desportiva e pelas 21 horas um espectáculo de música e dança que contou com a participação do grupo de ballet da delegação da Guarda do Conservatório Regional de Música da Covilhã.

"Diferenças individuais e Educação" foi o tema da conferência que teve lugar no dia 17 de Junho proferida pelo prof. António Simões da Universidade de Coimbra.

Um cortejo alegórico (que percorreu a Rua Comandante Salvador do Nascimento; Av. Afonso Costa; Rua 31 de Janeiro; Rua do Comércio; Largo João de Almeida; Rua Alves Roçadas; Rua Vasco Borges e Avenida Alexandre Herculano) constituiu um dos momentos altos do programa da Semana Académica, com alguns milhares de pessoas a presenciarem a passagem dos carros alusivos aos cursos leccionados nas Escolas Superiores de Educação e de Tecnologia e Gestão.

O programa desta semana Académica encerrou com um Baile de Gala.





TRADIÇÕES ACADÉMICAS

" Entendo que esta Semana Académica, iniciativa feliz da Associação de Estudantes do Instituto Politécnico, demonstrou o dinamismo da juventude e a sua capacidade criadora.

Reatou, por um lado - e para a nossa cidade isto é muito grato - algumas das tradições existentes na área estudantil. Aliás, como a população da cidade teve oportunidade de verificar, as principais iniciativas permitiram um envolvimento directo das pessoas, facilitaram a adesão a essas manifestações que acordaram, sem duvida, algumas recordações.

Este aspecto foi como tive oportunidade de verificar, registado pelos órgãos de comunicação social da Guarda, a quem cabe - é justo salientá-lo - um papel importante na preservação e divulgação das tradições académicas. Haverá certamente aspectos a aperfeiçoar. De qualquer modo, o saldo desta realização é perfeitamente positivo e penso que, no próximo ano, alcançará uma nova projecção, tanto mais que aumentará o número de alunos e cursos do Instituto Politécnico da Guarda.

Aproveito para felicitar os alunos do I.P.G. pelo trabalho realizado".
Afirmou o Presidente do Instituto Politécnico da Guarda, **João Bento Raimundo**.



UMA MANIFESTAÇÃO DE CULTURA

Decorridos cerca de 15 anos recommçaram na Guarda diversas manifestações culturais de índole académica.

A primeira Semana Académica do IPG constituiu, de facto, o renascer dessas tradições tão típicas da Guarda e quiçá o melhor meio promocional do próprio Instituto.

Como tal estão de parabéns os alunos o corpo docente e muito particularmente o Presidente, pelo apolo que deu na viabilização deste Projecto dos estudantes.

Com quatro iniciativas de alto nível e interesse, difícil se me torna optar por uma delas. No seu conjunto (serenata, desfile, garralada e baile de gala) transformaram esta semana numa iniciativa de muito valor e prestígio onde participou uma elevadíssima percentagem dos alunos do Instituto.

Sem dúvida que foi o lançamento para projectos ainda mais ambiciosos em anos vindouros, tendo-se demonstrado já neste ano o grande poder de iniciativa e criatividade dos Estudantes, que é pena não serem todos naturais deste distrito.

Esta semana serviu também para aproximar e cimentar a amizade e a solidariedade entre todas as "peças" que fazem o IPG e que farão dele o maior suporte para o desenvolvimento que o Distrito conhecerá num futuro próximo.

Para terminar, e concluindo a ideia expressa anteriormente da dificuldade de uma escolha, elegi a serenata como o ponto alto da semana, pelo cerimonial que a envolveu e pelas vozes coimbrãs que aqueceram aquela noite tão típica do nosso contentamento.

Fátima Ribeiro (E.S.T.G.)



É sempre difícil falar imparcialmente sobre algo em que directamente nos envolvemos. No entanto, penso que mesmo assim a minha opinião poderá ser válida.

Eu acredito que a passada "Festa Académica" foi extramamente positiva. Várias são as razões que me levam a pensar tal.

Ao longo dessa semana, observou-se que como um pouco de boa

vontade e trabalho se pode conseguir neste Distrito, sem dever nada a ninguém, tudo o que nos propusermos.

Demonstrou-nos que aqui existem grandes potencialidades humanas, possuindo um elevado grau de criatividade.

Mas principalmente, esta manifestação cultural serviu como meio de transmissão do conhecimento da existência de um ensino de nível superior neste Distrito, sempre desejado, e que será determinante para o seu desenvolvimento futuro.

Verdade é que tal projecto não foi fácil de realizar, tendo sido necessários grandes esforços, quer humanos quer financeiros. Os alunos corresponderam perfeitamente a este "desafio", assim como todos aqueles que de alguma forma estão ligados ao I.P.G., e que tanto apolo nos facultaram.

Eu notei que esta semana foi do agrado da maioria das pessoas, pois nelas viram certas tradições, que não se devem esquecer, serem retomadas.

Também haverá quem tenha permanecido insensível a tal manifestação cultural, foi a primeira vez que algo de tal envergadura aqui realizado, e com certeza num futuro próximo novas ideias surgirão assim como novas formas de manifestação, fazendo deste Distrito da Guarda um importante centro cultural.

Paulo Fragoso (E.S.T.G.)

ALGO DE NOVO NUMA SEMANA ACADÉMICA

A recente realização da Semana Académica, promovida pela Associação dos Estudantes do I.P.G., pretendeu, ao que parece, interrogar a cidade sobre se é possível imprimir às festas dos estudantes um tom diferente do tradicional, banindo do programa tudo quanto não tivesse um cunho de qualidade, compatível com a dignidade de Instituições que têm o adjectivo de superior a determinar-lhes o rumo.

Pensamos que a Associação de Estudantes, apoiada e coadjuvada pelo Órgão de Gestão e pelos Docentes acabou por encontrar uma linha directiva que lhe permitiu calendarizar um Programa recheado de componentes culturais, sem perder no entanto a jovialidade, a exuberância e até mesmo o academismo que lhe devia ser próprio.

E assim a cidade da Guarda terá tomado consciência de que algo apareceu de novo no mundo da juventude académica que se quis recrear sem descer de nível.

O traje tradicional de capa e batina com que se quis recrear sem descer de nível.

O traje tradicional de capa e batina com que se quis apresentar nas ruas e cafés parecia fomentar a responsabilidade. Uma farda respeita-se sempre ...

E a Serenata nas escadarias da Sé, pejudas de capas negras, foi um espectacular anúncio da Semana.

A missa na Catedral foi uma afirmação do sentido cristão da nossa tradição cultural multiseccular. O "Coro do Instituto", trajado de rigor, imprimiu dignidade e, porque não, um ar de religiosa jovialidade.



De tarde, a garraizada Portuguesa. A alegria, a coragem, a audácia, o sentido português de humor, com um sol espreitando por vezes sorridente para a Praça em alvoroço, tudo fez daquela tarde um convívio saudável.

Mas a semana, como dissemos, impressionou certamente pela componente cultural que recheou o programa: Um concerto dignificante do Orfeão do C.C. da Guarda, e apresentação inaugural do Coro do Instituto, incipiente mas jovial e tentando voos na música culta, duas noites de música coral e instrumental promovidas pela Variante de E. Musical e E. Física, Curso de Professores Primários e Educadores de Infância com participação de Dança Clássica do Conservatório da Covilhã (Delegação da Guarda) com ainda duas excelentes Conferências de mestres abalizados sobre temas aliciantes, tudo passou pelo belo Auditório do Instituto Politécnico da Guarda, chamando a cidade mais



alta para a realidade palpável, viva, actuante das suas Escolas Superiores, all espelhados numa juventude formada na nossa terra ...

A tarde desportiva, com seus aliciantes prêmios, prendeu um público numeroso e interessado, no Parque da Escola Superior de Educação, agora renovado nos seus campos de jogos e nas bem aproveitadas instalações da Associação de Estudantes. O desporto não absorvente é formativo.

Como se isso não bastasse, a Academia foi para a rua, ostentando a sua ironia rebelde à frente de Carros Alegóricos, reveladores de imaginação e estética invulgares, alguns que bem mereciam continuar em lugar permanente num museu ...

Tantas perguntas que apetecia aqui exarar e que percorreram os cérebros citadinos naquela tarde! ...

É que a Semana Académica fez pensar e não só divertir, em tarde ou noite de Arraial e Dança.

Pensamos que a Primeira Semana Académica pede uma Segunda, ainda melhor ...

Bernardo Terreiro



A GUARDA E AS TRADIÇÕES ESTUDANTIS

Nos últimos dias de Setembro, os caloiros chegavam à Guarda, carregados de malas e de esperança. Nos sacos, o farnel vinha de mistura com as fotografias familiares e o dinheiro da mesada, contado e recontado até ao último tostão, que os tempos eram difíceis e não circulava ainda, a moeda-forte vinda da estranja.

Num ápice, as vestustas casas graníticas da cidade antiga ganhavam novos ocupantes, alojados em pequenas alcovas, onde mal se aninhava a ruidosa cadeira, e a estante dos livros adquiridos a estudantes mais adiantados.

A Feira de S. Francisco, nos princípios de Outubro, animada com o carrocel, os "carrinhos" e as barracas de jogos e faturas, era um autêntico chamartz a que os caloiros recém-chegados não conseguiam resistir. As *trupes*⁽¹⁾, nessa altura, não tinham falta de clientes ...

- Que és pela praxe? perguntava um dos *trupistas* ao caloiro. Aquele indicaria, na resposta, a sua "baixa condição" na estratificação social estudantil. O cerimonial do *raparço* tinha então lugar em recanto próximo, protegido de olhares indiscretos. Com uma tesoura de pontas boleadas, o *chefe de trupe* iniciava o castigo, dando um número ímpar de tesouradas no cabelo do novato. A seguir, todos os outros repetiam a manobra, através de um número ímpar de golpes de tesoura, inferior ao praticado pelo chefe.

Os cânones académicos definiam, com extremo rigor, o modo com a *trupe* deveria ser formada e desfeita. Junto a um monumento nacional, sempre após o toque de recolher ouvido no velho quartel. O imprescindível arrazoado latinório dava "força legal" ao grupo de jovens praxistas, de número ímpar nunca inferior a 3, chefiados, obrigatoriamente, por um *veterano*, indivíduo com, pelo menos, 8 matrículas. Todos os elementos deveriam trajar a rigor de preto (sapatos lisos, meias, calças, colete, batina e capa), com excepção da camisa, de cor branca. A batina e o colete deveriam conter um número ímpar de botões nem que, para isso, houvesse de introduzir no bolso um outro botão. As mangas da camisa deveriam ser arregaçadas e a capa traçada sobre o ombro à D Artagnan, por forma a ocultar, totalmente a brancura da camisa. Quando se pudesse ver parte da camisa, ou não fosse repellido o preceito da imparidade do número de pessoas e botões, a *trupe* podia ser desfeita, quer a rogo do caloiro abordado -- que já não poderia ser rapado -- quer por determinação da *contra-trupe*. Esta era uma espécie de *ronda*, inteiramente constituída por *veteranos*, a quem incumbia a verificação da obediência às normas praxistas.

Quando um caloiro fugia após ter sido tocado, era posto *debaixo de trupe*, podendo vir a ser rapado em qualquer lugar e a qualquer hora do dia. Era-lhe reservado o direito de sair, à noite sem ser importunado pelas *trupes*, se protegido por uma dama, a quem deveria acompanhar de braço dado. Tal protecção poderia ser-lhe ainda concedida pelo *Dux Veteranorum*, entidade que era conhecida, pela sua veteranía estudantil, como um verdadeiro símbolo de académia. O caloiro tinha direito,

(1) - Na língua francesa, <<troupe>>, grupos.

además, a declarar-se *anti-praxista*, não sendo rapado mas, em contrapartida, votado ao ostracismo pela academia e banido de todas as festas e cerimónias dos estudantes.

O julgamento dum caloiro ocorria sempre que lhe fossem imputadas "infracções" aos sacrossantos princípios da praxe. Recebia a convocatória escrita em papel higiénico, o noviço teria que ser julgado em presença de um *juiz* e dos *advogados*, de defesa e acusação. As penas mais vulgares eram as seguintes: levar, num Domingo, durante a saída da missa, em pijama, uma grande mala de viagem, da qual retiraria uma carta que deveria ser introduzida no marco do correio fronteiro à igreja (Sé ou Igreja da Misericórdia); pedir namoro a uma rapariga em momento idêntico; varrer, ou medir com um palito, a escadava da Sé Catedral, etc.

As festas Académicas, realizadas por volta do 1º de Dezembro, consistiam, fundamentalmente, na cela, serenata monumental, cortejo, baile e saída com fitas.

"Às tantas horas, lá p' rás tais, teremos os nossos comezais⁽²⁾ ...". Na cela, durante o período áureo da praxe, comiam-se galinhas e coelhos pilhados nos quintais da cidade, sendo particularmente apetecida a carne roubada nas capoeiras dos professores ... A orgia era bem regada, consumindo-se o vinho doado na véspera, durante a saída com as fitas. Nesse dia, os estudantes, de capa e batina, percorriam a cidade elevando as mocas e colheres de madeira, guarnecidas de fitas de policromas, oferecidas pelas raparigas. Pintadas com dedicatórias e motivos a condizer, as fitas tinham cores geralmente relacionadas com os sentimentos das ofertantes. Assim, o amarelo significava desespero; o vermelho, "desprezo"; o roxo paixão, o cor-de-rosa, amor; o verde, esperança; o preto, ódio e o branco, amizade.

Os gritos de ordem do EFE-ERRE-A e as canções maliciosas (pingó, al solidão, ó Laurinda, são horas de embalar a trouxa, etc) iam animando a marcha, que apenas se detinha nas tabernas para pedir vinho:

- São horas de embalar a trouxa,
boa noite ó tia Maria.
Que (Fulano) dava um garrafão,
já toda a gente sabia.

O cortejo era constituído por carros decorados a preceito, estudantes feitos Sancho Pança, galhardamente montados em burros (roubados, momentaneamente, aos homens do campo que vinham vender à praça) e outros folgazões a pé. Uns levavam altas cartolas, outros iam vestidos de sopeira, com bojudos selos e, os restantes, eram sugestivos gigantes. Os caloiros, em pijamã, toalha ao pescoço e grande lençol branco pelos ombros, integravam a comitiva e seriam "purificados" através do baptismo, celebrado no pio do Chafariz da Dorna e, mais tarde, do Chafariz de Stº André. A água fria, lançada por um penico de esmalte na nuca do caloiro, era um sacrifício ingente, porventura quase desumano, mas necessário à admissão do novato no grupo dos mais antigos.

A praxe poderá entender-se, em determinada medida, como um rito

(2) - Programa das Festas da Academia da Guarda, 1969.

de iniciação aos jovens estudantes, ou aos Caloiros "estrangeiros" que para a Guarda se haviam transferido nesse ano escolar. Os mais antigos, através da praxe, tinham a prerrogativa do domínio sobre os caloiros, mais novos e inexperientes, sujeitando-se a restrições de carácter social e provas de ridicularização. Deveremos admitir que, não raras vezes, estas acções colidiam com os direitos e liberdades de pessoa humana.

As *trupes* eram em tudo semelhantes aos grupos de *mantudos* que, nas aldeias da rala, reprimiam através de vergastadas, os jovens que saíssem de casa após o toque das avé-marias. Em certos casos, em vez de provocar distanciamentos, a praxe cimentava amizades e favorecia o convívio dos mais novos com os mais velhos.

Embora fosse considerada apolítica e arreligiosa, é prática costumeira acusar a praxe académica de servir politicamente o antigo regime. Se é certo que, enquanto os jovens estudantes se preocupam com as *trupes* e os festejos académicos, não pensavam nos males e injustiças da ditadura, também não é menos verdade que, em muitos momentos, foi no seio do grupo estudantil que germinou a oposição e a insubmissão. As lutas dos estudantes de Coimbra, especialmente em 1969, as críticas mordazes ao regime fascista nos jornais académicos, os dísticos e as palavras de ordem dos cortejos, demonstram que estes "estudantes" não estavam adormecidos.

"Que importa as frases, os discursos?"

Nada importa. (...) a nossa esperança não morre! ... (3).

CAMEIRA SERRA/HENRIQUE MARTINS

"O FARNEL" - A HIPÓTESE DE SOBREVIVÊNCIA ACADÉMICA

Era a Guarda, ao tempo, a central de recepção académica, não só de todos os concelhos do distrito, como ainda dos limítrofes Belmonte e Covilhã.

Liceu, nas redondezas e Escola do Magistério eram os únicos centros de atracção a que as pequenas e médias bolsas tinham acesso exclusivo.

Havia menos dinheiro, os jovens estudantes tinham menos vícios e formas, pelo menos um "Doutor" era a meta de muitas famílias da Beira Serra, que, por vezes, mandavam um outro filho até a ao Seminário, onde a educação era tradicional, no cristianismo, e a instrução da melhor ministrada.

Por via disso era imperativo distribuir os poucos réditos familiares e encontrar processo de o "dinheirito" esticar.

E aí chegavam os bandos, os novos estudantes, distribuídos pelas casas que os recebiam, dormindo aos dois e três em quartos modestos; outros alugavam salas que eram quase camaratas, com serventia de cozinha, onde militavam as avós ou as tias solteironas.

Os "burricos transportadores" por aí proliferavam nos meses de Outubro, à porta da taberna do Ferrador, ou espalhados pelo Carvalho, pelo Arrabalde, pelo Chão da Bola.

(3) - *Ibidem*.

Os viveres transportados compunham o chamado Farnel, cuja composição era quase universal para todas as casas.

Alguns de melhores posses, contratavam a estadia "à mesada".

Mas o Farnel era tradicional, na casa da Ti Ana, e em casa de outras Tias, como a Ti Cristiana, a Ti Rosa, a Ti Filomena, a Ti Celeste e tantas outras, espalhadas por S. Vicente, Rua dos Cavaleiros da Liberdade, General Póvoas e Mouraria.

O Farnel compunha-se de viveres base, em que entrava obrigatoriamente o produto da terra ou da casa agrícola donde provinha o estudante.

Recordo-me, que além do reforço accidental, ou de alguns "mimos" de família, era imperativo o seguinte contrato: 2 arrobas de batatas, feijão ou grão, azeite 1 litro, toucinho, arroz, açúcar e massa, 1 quilo. A hortaliça ou vinha no cabaz ou pagar-se-ia uma verba que especificaremos.

O bacalhau ou outro "conduto" ou fazia parte do Farnel ou se dividiam os gastos por cabeça.

O pão, o tradicional centelo ou durava para a semana ou quinzena ou se pagava conforme os gastos.

Ao pequeno almoço aparecia a marmelada e outras compotas e a manteiga, o queijo ou o requeijão só para os que tinham produção caseira.

Quando não se fornecia hortaliça, a taxa era de 30\$00, mês.

Claro que havia os estudantes de certo privilégio, mesmo o Farnel, a que nunca faltava o presunto, a chouriça, o mel, o vinho e o leite.

É que a tradição da Guarda era o chá. Os farnellistas pagavam ainda, como regra, 10\$00 mensais até aos anos 40, dinheiro esse que era distribuído pela confecção das refeições, pelo arranjo da cama, pela luz e pelo aquecimento, à velha braseira de borralho, sempre acesa com a carqueija que os gericos transportavam lá dos lados de Videmonte e era apregoada pelas ruas velhinhas da nossa Guarda cheia de tradições.

Julgamos que, pelo menos 80% dos nossos estudantes, utilizaram este sistema, que, aliás, muito contribuiu para que cada um encontrasse na sua "patroa ou patrão".o amigo de todas as horas, que às vezes eram o conselheiro, o encarregado de educação e os substitutos de nossos pais.

Aqui lhes deixamos a nossa homenagem.

MADEIRA GRILLO